



A entrada do lixão Jardim Gramacho, e no detalhe, vista aérea

Lixo é dinheiro

Como catadores, artistas e empresários conseguem transformar dejetos em algo útil. Renovando, eles se consagram

LARISSA RANGEL E SOFIA PELÚCIO

Para a maioria da população urbana, lixo é todo e qualquer objeto sem uso, descartável e sem nenhum valor ou utilidade imediata. Esse material desprezado também é visto como sinônimo de sujeira e imundície,

segundo definição do *Dicionário Houaiss*.

Essa concepção faz com que diferentes tipos de materiais sejam indiscriminadamente jogados fora. Mas existem pessoas que estão tratando esses materiais com outro olhar e redescobrimo utilidade e rentabilidade para aquilo que foi rejeitado. Seja coletando materiais para

ser reciclados, transformando-os em arte ou ainda fazendo o planejamento deste lixo.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2008, o Brasil produziu cerca de 140 mil toneladas de resíduos sólidos por dia. Jardim Gramacho, localizado no município de Duque de Caxias, no Rio

de Janeiro, é tido como o maior aterro sanitário do mundo se considerado o volume recebido diariamente – cerca de 17 mil toneladas por dia. Setenta por cento do lixo produzido em todo o Rio de Janeiro vai parar lá. Para se ter uma ideia, cada indivíduo produz, em média, de um a um quilo e meio de resíduos por dia, mas pelo menos a metade pode ser reaproveitada.

No Brasil, mais de 100 mil pessoas sobrevivem de atividades econômicas relacionadas aos lixões e aterros sanitários. Segundo uma pesquisa feita em 2004 pela S/A Paulista, Caxias, RJ, os catadores de Gramacho chegam a movimentar R\$ 1,5 milhão por mês. Este cenário deve mudar em breve, pois a desativação do lixão está prevista para o primeiro semestre de 2012.

Segundo o gerente Lúcio Viana, no início desta cadeia econômica do lixo estão cerca de 1.300 catadores que ganham em média R\$ 50 por dia. Esse valor depende da agilidade de cada um deles no momento em que os caminhões são descarregados. Catadores mais ágeis chegam a tirar R\$ 1.000 por semana.

Muitas vezes se constrói uma falsa identificação entre os catadores e o produto de seu trabalho: o lixo. Em depoimento ao documentário *Lixo Extraordinário*, o catador Valter Santos desmitifica essa ideia mostrando que este é um trabalho como outro qualquer. “Na hora de receber o seu dinheiro você não chama de lama”, diz o trabalhador. O presidente da Asso-



O mar de lixo em Gramacho registrado pelo fotógrafo Marcos Prado

ciação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG), Sebastião Santos dá uma outra definição da profissão. Em entrevista ao Jô Soares, Tião corrigiu o entrevistador que o apresentou como catador de lixo. “A gente não é catador de lixo, é catador de material reciclável. Lixo é aquilo que não tem reaproveitamento, material reciclável, sim”, diz Tião.

Com o fim de Jardim Gramacho, muitos desses catadores vão perder o sustento. Mas um dos caminhos é criar grupos organizados de catadores. Em 2003 foi criada a ONG Doe o Seu Lixo, no Rio de Janeiro, associada à Socitex Cooperativa e Trabalho Misto. Ela é uma destas organi-

zações que têm como objetivo melhorar a qualidade de vida ao proporcionar a redução de impactos ambientais e gerar emprego para a população de baixa renda. A verba da coleta seletiva de resíduos sólidos doados por empresas e residências remunera os cooperadores que separam e classificam o material. Esses profissionais chegam a receber até dois salários mínimos pelo trabalho feito.

Do lixo ao luxo

A lei de Lavoisier diz: na natureza, nada se cria e nada se perde, tudo se transforma. Talvez esse seja um dos lemas de artistas que usam o material reciclável para desenvolver diferentes tipos de arte. A Oficina Toque



Reprodução feita com lixo por Vik Muniz da foto de uma catadora, da série "Pictures of Garbage"

**Até 2050,
dois bilhões
de pessoas
ainda entrarão
no mercado
consumidor, o
que acarretará
maior produção
de lixo**

de Mão, iniciada em 2006 no bairro de Santa Tereza, Rio de Janeiro, transforma, pelas mãos de moradoras de comunidades

carentes, o lixo em artigos de moda.

As artesãs produzem carteiras, bolsas e acessórios a partir de retalhos e materiais publicitários desprezados e podem custar de R\$ 25 a R\$ 80. Os banners,

por exemplo, servem como forro de objetos que precisam de

mais sustentação. Os produtos fazem tanto sucesso que caíram nas graças de grifes famosas da cidade, como Alfaias, Missiza e Corpo e Alma. O projeto transformou a vida das participantes. Em 2009, eles tiveram o faturamento de R\$ 71 mil.

Antes das marés ambientalistas e da moda de produtos sustentáveis, o designer paulista Nido Campolongo já trabalhava com materiais reaproveitados. Com criatividade e originalidade, o artista usa o papelão para produzir objetos firmes e duráveis como cadeiras, por exemplo. Em seu ateliê estão espalhados diferentes tipos de

materiais como pneus, garrafas PET, tecidos e papelões para o reuso.

O reconhecimento vem através de parcerias com a Natura, empresa que vende produtos de beleza e com a Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), além de objetos espalhados pelo Brasil e pela Europa. Nido mostra que é possível fazer uma produção sofisticada com material reutilizado. E está enganado quem achou que, por serem produzidos com materiais recicláveis, os produtos sairiam mais barato. Algumas esculturas de papel chegam a custar R\$ 6 mil. O pufe Balanço, por exemplo, custa R\$ 1.200 e é feito de papel resinado e couro vegetal.

Quem também trabalha com o objetivo de dar outra vida a objetos esquecidos é o caçador de antiguidades Pedro Tinoco. Há 24 anos o antiquário procura objetos que estão abandonados em lugares antigos e tenta dar um *up* no que é achado, transformando-os em algo mais novo e bonito. Como o próprio Tinoco diz, o trabalho dele consiste em uma eterna busca ao tesouro e, por isso, é necessário estar antenado com tudo que acontece a sua volta. A paciência é um dos aspectos mais importantes para quem exerce esta profissão, além da perseverança e, lógico, uma pitadinha de sorte que sempre vai bem.

Quando tinha 17 anos, Tinoco foi ao seu primeiro leilão de obras de arte e presenciou a compra de um par de presas de marfim por um preço muito alto. Foi ali que decidiu que que-



O pufe Balanço feito de papel resinado e couro vegetal



Cômoda de madeira recuperada por Tinoco

ria trabalhar no ramo. Ele encontra os objetos rejeitados em residências, chácaras, fazendas, ou até em estabelecimentos comerciais, como farmácias e salões de beleza. O processo exige muito estudo, pois é preciso detalhar a origem, a procedência, o desgaste dos restauros, as falsificações, as cópias e tudo que puder influenciar na renovação da obra. Para Tinoco, a satisfação de seu trabalho é algo indiscutível. “A sensação de nunca saber o que pode aparecer na minha frente e “o gostinho do ‘achei’, não tem preço”, resume o antiquário.

Reconhecido internacionalmente por suas obras, o artista plástico Vik Muniz iniciou, em 2008, a produção de uma série de fotografias chamadas “Pictures of Garbage”. Esse trabalho foi todo registrado e culminou com o documentário *Lixo Extraordinário*, indicado ao Oscar 2011. Vik fotografou os catadores do lixão de Gramacho e depois, em um estúdio, reproduziu

as imagens usando o lixo recolhido no aterro. O filme mostra os bastidores dessa produção e é conduzido a partir de depoimentos dos catadores que participaram do projeto.

A ousadia do artista plástico foi reconhecida e o primeiro quadro leiloadado, em Londres, rendeu cerca de R\$ 100 mil, revertidos em benefícios para os catadores de Gramacho. No total, a série rendeu aproximadamente R\$ 500 mil. Para quem acha que lixo é algo apenas fedorento e desprezado, as obras de Vik estão aí para provar o contrário. Presas nas paredes de salas de estar, estas obras deconstroem o mito do lixo como algo feio, inútil e sujo.

Outras obras cinematográficas brasileiras também já registraram o drama de catadores de lixo e foram aplaudidas no mundo inteiro. O filme *Estamira*, de Marcos Prado, conta a história de uma mulher de 63 anos que é diagnosticada com distúrbios mentais e que viveu e trabalhou

durante 20 anos no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho. O filme foi vencedor de 33 prêmios nacionais e internacionais dos principais festivais de cinema.

Marcos Prado explica que o objetivo final do longa era mostrar à população o destino e a responsabilidade do lixo que é gerado dentro de casa. Em 1993, Marcos começou a desenvolver um ensaio fotográfico que se materializou no livro *Jardim Gramacho* e, a partir deste trabalho, conheceu Dona Estamira, que o fascinou desde a primeira conversa. No filme, ela explica com muita lucidez e poesia o que é o Lixão de Gramacho. “Isto aqui é um depósito de restos. Às vezes, é só resto. E às vezes, vem também descuido”, diz ela.

Dinheiro no lixo: o segredo do gerenciamento de resíduos

Existem ainda outros meios de ganhar dinheiro com o lixo.



O empresário, Wilson Quintella em seu escritório no Rio de Janeiro

Você já parou para pensar que se toda casa gera lixo também é preciso um planejamento e construções de espaços ambientalmente corretos para despejá-lo? Há 12 anos, o empresário Wilson Quintella, que trabalhava com negociações de soja, sentiu uma necessidade do mercado que não estava sendo atendida.

Wilson remonta o cenário da época em que começou e que o ajudou a pensar na existência de uma empresa gerenciadora do lixo. O processo de globalização e renovação de costumes foi um dos causadores da maior produção de lixo e a sociedade começou a questionar o uso indiscriminado de lixões. Outro acontecimento importante foi a promulgação de leis contra crimes ambientais, que acarretam em responsabilidade no âmbito penal. Por isso, as empresas começaram a procurar firmas terceirizadas com soluções adequadas e tecnológicas para se

livrarem dessa responsabilidade. “Foi aí que eu vi uma oportunidade”, diz o empresário.

E assim nasceu a Estre Ambiental, a maior empresa de gerenciamento de lixo do Brasil, com faturamento anual de R\$ 1.200 milhão e sete mil funcionários. Segundo Quintella, com o crescimento econômico do país e o maior poder aquisitivo da população existe um aumento inevitável na produção de resíduos. “Se você imaginar que 30 milhões de pessoas estão saindo da linha de miséria para o mercado consumidor, isto significará, em média, mais 30 milhões de toneladas de lixo por dia. Essa quantidade é maior do que o lixo gerado no Rio de Janeiro e em São Paulo juntos,” explica Quintella.

Isto torna o Brasil um dos melhores países do mundo para trabalhar com este mercado. O mesmo fenômeno pode ser observado em outros países emer-

gentes, como Índia e China, por exemplo. Até 2050, dois bilhões de pessoas ainda entrarão no mercado consumidor o que acarretará uma maior produção de lixo. Por isso, é preciso repensar e rever o processo de consumo no mundo. O empresário explica ainda que com o aumento do preço de materiais no mercado, a reciclagem se torna necessária, vantajosa e viável. “Eu me adequo à realidade. Nós vamos investir pesado em reciclagem”, revela Quintella.

A população brasileira deve encarar o lixo como mais uma fonte de renda, já que cerca de 70% de detritos podem ser reaproveitados. O mito do lixo como material descartável e inútil deve ser deixada de lado. Existem diversos meios de lucrar com esses resíduos, como a reciclagem, o reaproveitamento, a logística de coletas, a engenharia de armazenamento e os diferentes produtos artísticos que podem ter o lixo como tema. Nessa metamorfose, basta ter criatividade. 🐼

Ecodesign



Criada em dezembro de 2008, pela designer e administradora Isabela Castello, a Eco.lógica Design é a primeira loja virtual de ecodesign do país. Os artistas e designers que trabalham para o site reaproveitam, reinventam e oferecem uma combinação entre sustentabilidade e design. Vale a pena visitar: www.ecologicadesign.com.br